

discurso TEIXEIRA DE FREITAS/BONFIM (23.05.01)

Senhoras, Senhores:

Há cinco meses, neste mesmo salão, quando aqui estivemos reunidos em torno de nosso PINAUD, referindo-me a poetas da minha terra --- ERNÂNI VANACOR, PRADO VEPPPO, CHICO RIBEIRO --- observei que, se tivesse de recorrer a uma imagem para aludir à figura de CALHEIROS BONFIM, a encontraria em uma fonte de água pura.

Uma fonte de água pura e um modelo de coerência que tenho aprendido a admirar tanto mais quanto mais me permitem estar próximo dele as sessões das quartas-feira.

Poucos serão capazes de discernir a sinceridade de minhas palavras. O fato, no entanto, é que deixo São Paulo, para vir às reuniões do Instituto, com a alegria de quem se dirige a sua confraria, em busca de repouso e de serenidade. Aqui, entre vós, eu as encontro plenamente. E cada de um de vós, de uma forma ou de outra, é

responsável pela tessitura da força atrativa que o Instituto exerce sobre nós.

Porque o IAB, Amigos, não é apenas uma história, suas salas, seus livros, seus quadros, seus exemplos. O IAB somos também nós mesmos, na medida em que ele faz parte de nossas vidas e cada um de nós é um pouco da sua história.

Aqui busco e encontro serenidade. Mas não aquela que se expressa em ócio, porém a de que se nutrem os que estão comprometidos com a transformação do mundo e se propõem a torná-lo mais justo --- e a redimi-lo.

Aqui encontro a serenidade de CALHEIROS BONFIM, serenidade construída mediante o exercício reiterado da prudência, o que o faz um forte.

O traço mais marcante de seu caráter é a coerência, profundamente, inabalável.

Vou cometer uma inconfidência.

Mestre do Direito do Trabalho, BONFIM sempre advogou para os empregados, e sempre com sucesso, muito sucesso.

Um belo dia foi procurado por executivos de uma grande empresa estrangeira --- inglesa, não é mesmo! --- que desejava contratar seu escritório para defendê-la em suas questões trabalhistas. BONFIM delicadamente observou que o escritório que representava essa empresa era excelente e que, enfim, não estava em seus planos [dele, BONFIM] tomar sob sua responsabilidade a quantidade de trabalho de que essa mesma empresa demandava.

À esta altura observou um dos seus interlocutores: "Mas ainda não falamos em números...".

Nosso CALHEIROS BONFIM então explicou, lenta e pausadamente, que não importava absolutamente coisa nenhuma qualquer número ou quantidade de dinheiro diante de sua disposição de advogar exclusivamente para empregados.

Isso CALHEIROS BONFIM disse enchendo de lágrimas de ternura o companheiro de escritório que, na sala ao lado, o ouvia --- seu filho --- (naquele escritório não há portas fechadas) ao tempo em que os pobres executivos que isso também ouviram [tão pobres, coitados,

que certamente tinham apenas dinheiro] partiram sem absolutamente nada terem entendido...

Um forte, dotado de hercúlea coragem moral, ao mesmo tempo suave, sereno, como a fonte de água pura que se transforma em mar.

Defensor dos fracos --- porque sabe que as reformas sociais nunca são realizadas pela fraqueza dos fortes, mas sempre pela força dos fracos --- CALHEIROS BONFIM cumpriu papel extremamente relevante no Conselho Federal da OAB, durante oito anos representando o Estado de Mato Grosso do Sul, trazendo ao debate questões de ordem social quando o colegiado era extremamente conservador.

Vindo de Alagoas, diplomado pela antiga Faculdade Nacional de Direito em 1.938, CALHEIROS BONFIM foi Presidente do nosso Instituto, em gestão que se projeta, em linha de continuidade, até a de MARCELO. Presidente da Associação Carioca dos Advogados Trabalhistas, Vice-Presidente da Associação Brasileira de Advogados Trabalhistas, Membro do Conselho Seccional da OAB no Estado do Rio de Janeiro, Membro do

Tribunal de Ética da OAB/RJ. É membro da Academia Nacional de Direito do Trabalho.

Recebeu o Colar do Mérito Judiciário do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro e a Comenda do Tribunal Superior do Trabalho. O Poder Judiciário o homenageou reiteradas vezes e tantas outras foi ele patrono de congressos.

Participou de inúmeros congressos, sempre apresentando teses e como conferencista, inclusive das quatro últimas Conferência Nacional dos Advogados.

Sua produção literária é riquíssima. Limito-me, no capítulo dos livros, a mencionar uma pequena parte deles, o A CLT vista pelo Supremo Tribunal Federal, em três volumes, Editora Konfino; O contrato de trabalho visto pelo TST; o Dicionário de decisões trabalhistas, este em 30ª edição!; Conceitos sobre a advocacia, magistratura, justiça e direito, em 4ª edição; A crise da Justiça do Trabalho e a codificação do processo; A crise do direito e do Judiciário; Enunciados e súmulas trabalhistas, em 7ª edição; Estatuto da advocacia e Código de Ética, em 4ª edição; A crise previdenciária.

E inúmeros artigos, os mais recentes versando sobre a interpretação jurídica; a Lei 9.756/98 no âmbito trabalhista; juizados especiais trabalhistas; globalização, reforma e desemprego; a Justiça do Trabalho na reforma do Judiciário; requisitos para o acesso à magistratura; a alteração do artigo 58 da CLT; relações trabalhistas no Mercosul.

Um jurista respeitado e acatado pela comunidade dos seus pares, mesmo pelos que não compartilham de sua visão do mundo.

Sim, é unanimemente um jurista quem hoje homenageamos, celebrando não apenas sua retidão de caráter e a postura ética exemplar, mas também a sua dedicação ao direito, ao estilo de TEIXEIRA DE FREITAS, como consolidador de suas regras e princípios. A importância do nosso homenageado para o Direito do Trabalho brasileiro é, sem nenhuma dúvida, enorme. Se estivesse entre nós, TEIXEIRA DE FREITAS festejaria imensamente a entrega da medalha com o seu nome a CALHEIROS BONFIM.

Vivemos um momento crítico para o Direito do Trabalho.

O neoliberalismo fez do Estado o grande vilão e a receita por ele passada para ser aplicada aos mercados de trabalho tem como peças fundamentais a flexibilização e a remoção das cláusulas sociais, porque estas últimas seriam ineficientes e danosas aos trabalhadores.

O resultado dessa receita está diante de nós, extremamente negativo no que concerne ao crescimento, ao emprego e à equidade. O capitalismo falha escandalosamente em sua capacidade de gerar empregos, de oferecer segurança aos que consegue empregar e de alentar os empregados com as perspectivas de melhores salários.

Altas taxas de desemprego, a crescente insegurança e precariedade das novas formas de ocupação, o aumento significativo das desigualdades, a exclusão social afetam todo o mundo, inclusive a Europa, onde as taxas de desemprego são de 10% da população economicamente ativa.

DAVID GORDON, economista americano, mostra que em 1.973 um trabalhador americano levava para casa, em média, como recompensa pela hora trabalhada, descontados os impostos, US\$ 10,37; em 1.992, US\$ 8,80, tudo calculado em dólares deste último ano. E essa

queda de remuneração foi acompanhada de aumento de horas trabalhadas durante o ano, com o crescimento do número de pessoas, na maioria mulheres, obrigadas a trabalhar para recompor a renda familiar.

Estudo recente mostra que hoje, na França, a soma dos que se encontram em situação precária (3 milhões) e dos que são obrigados a aceitar tempo parcial (3,2 milhões) chega ao dobro da cifra estimada para os oficialmente desempregados (3 milhões). Desempregados, “precarizados” e trabalhadores em tempo parcial representam cerca de 37,5% da população economicamente ativa na França.

A Inglaterra apresenta os mais violentos contrastes sociais da Europa. A discreta privatização da educação pública prossegue. Blair impôs elevadas taxas de inscrição à universidade, que introduziram uma seleção por dinheiro. No que tange à assistência médica, uma pesquisa da Organização Mundial da Saúde coloca o Reino Unido na derradeira posição na União Européia. As desigualdades entre os mais ricos e os mais pobres aumentaram. Mais de cinco milhões de britânicos se encontram em estado de pobreza absoluta. Quase a metade das

mulheres são assalariadas à tempo parcial. A Inglaterra --- segundo o Le Monde de 28.09.00 e o L'Expansion Paris, 05.03.01 --- tem o maior número de crianças pobres de todos os países industrializados do hemisfério Norte.

O que fazer diante disso?

O Primeiro Ministro da França, Lionel JOSPIN, em conferência que pronunciou no dia 6 de abril passado, na Universidade Cândido Mendes, aqui no Rio de Janeiro, observa que o bom funcionamento de uma economia de mercado depende de regras estáveis. As instituições de Brenton Woods devem perseguir sua evolução. Necessitamos de novas regras prudenciais, que devem reforçar as legislações dos Estados.

E JOSPIN diz esperar que o FMI examine em quais condições uma "viscosidade" --- fonte de estabilidade --- possa ser introduzida na circulação dos capitais. Defende a taxação sistemática dos fluxos de capital, com objetivo não diferente do que a "taxa Tobin". A anulação da dívida pública dos países mais pobres é por ele assumida.

O caminho alternativo, do abandono das responsabilidades políticas em benefício de leis pretensamente naturais, que passariam a guiar nossos destinos --- agora digo eu --- conduzirá ao sacrifício ainda maior da sociedade e ao surgimento do "Estado Javert", policialesco, autoritário, mesquinho.

A precarização, o aumento dos empregos em tempo parcial, a terceirização das tarefas acessórias na grande empresa --- tudo quanto a flexibilização do Direito do Trabalho e a remoção das cláusulas sociais na relação de trabalho propõem --- são expressões marcadamente evidentes da negação dos direitos econômicos e sociais assegurados pelas Constituições modernas, ainda que não apenas deles, visto que alguns dos discursos do neoliberalismo são pronunciados de modo a voltar-se também contra os chamados direitos individuais.

Sabemos o quanto tudo isso constrange, afeta, agride a consciência dos homens comprometidos com os valores da Democracia.

Isso dói sobretudo, Amigo, em quem se aquece no calor da fraternidade e do humanismo.

Falando do céu como somente um velho marxista pode falar,
ALVARO MOREYRA dizia que

"O céu é uma cidade de férias

De férias boas que não acabam mais.

Quando chegar, pergunto pela minha gente que foi na frente

Dou abraços, beijos, sorrisos.

Depois. Ah! depois eu quero ir na casa de São Francisco de

Assis

Ser amigo dele, amigo de todas as horas

Tão amigo, tão amigo,

Que ele há de me chamar Alvinho

E eu hei de lhe chamar Chiquinho!"

CALHEIROS BONFIM faz parte desde já --- não precisou
esperar a chegada ao céu para tanto --- do grupo dos íntimos de São
Francisco, porque comunga dos mesmos ideais.

Amigo:

A realidade tem nos trazido adversidades, há mais sombras do que luzes diante de nós.

Ainda assim, urge reconstruirmos nossas esperanças e --- por que não? --- nossa utopia.

Aceite a nossa companhia, o nosso apoio, o nosso braço e o nosso entusiasmo. Agora que já não somos mais jovens sabemos que um exemplo de dignidade, caráter e coerência, como o seu, é mais forte do que sete mil canhões. Por isso desejamos participar, com o Amigo, da maravilhosa empreitada de transformação do mundo, ainda, seguramente, a sua empreitada.

Nela, a fonte de água pura converte-se em oceano, mar bravio, movido por uma coragem que é mais densa e vigorosa do que a coragem física --- a mais sublime de todas as coragens --- a coragem moral.